

PREFÁCIO

Considere-se que os pontos de vista expostos neste discurso preliminar estão fundamentados primeiro na experiência profissional em jornalismo esportivo; depois, na de observador e crítico do processo de produção discursiva sobre o esporte. Como jornalista, acaba-se desenvolvendo uma escrita contundente, uma narrativa de “verdades” quase nunca aberta a contra-pontos. Um vício, deve-se reconhecer, alimentado pelo poder das palavras sobre os acontecimentos cotidianos. No papel de observador e crítico, há um distanciamento do campo de atividades, sempre dinâmico em suas relações e funcionalidades. Uma posição de desconforto, na medida em que fragiliza quaisquer argumentos sobre o objeto de pesquisa. Abrir o trabalho que se descortina agora é, para quem está nessa condição, um desafio instigante.

Por debruçarem-se sobre os conceitos que definem o campo de observação, traduzirem o esforço coletivo de interpretação sobre esse mesmo campo e lançarem-se a ele para entender as relações entre os agentes que o compõem, os pesquisadores do Observatório da Mídia Esportiva promovem uma “intervenção” singular nos fenômenos que ligam jornalismo, esporte e mídia. Cotidianamente, é o jornalismo que “apura” os aconteci-

mentos esportivos e os traduz num discurso organizado em gêneros, geralmente padronizados. O recorte aqui se inverte: “cobrir” uma cobertura jornalística foi o grande mérito do projeto de pesquisa que se completa nas páginas a seguir, porque não reduz o campo àquilo que aparenta.

Associado ao esporte, o jornalismo tem características peculiares. O termo “esportivo” é usado para adjetivar um modelo discursivo mais “leve” e um modo de produção mais próximo do entretenimento. A rigor, o termo diz respeito ao tipo de temáticas postas em pauta. Dizendo o óbvio, o jornalismo esportivo discursa sobre o esporte. Mas há uma alusão mais focada no modo como as informações são organizadas. O termo, portanto, pode evidenciar também um modelo diferente de expressão e de apuração dos dados que sustentam os conteúdos jornalísticos. O “esportivo” ganha, assim, um valor de mercadoria, como qualquer produto voltado para um tipo específico de consumidor. E como mercadoria, o jornalismo esportivo apresenta-se mais “jovial”, mais “alegre”, mais “ativo” tanto na forma quanto no conteúdo.

É comum considerar a relação entre a mídia e o esporte de maneira idêntica a que o jornalismo estabelece com o campo esportivo. Mas não se pode deixar de perceber que tanto o esporte quanto o jornalismo compõem a mídia e ocupam lugares distintos nessa relação. O termo “esportivo” dá ao jornalismo uma “qualidade”, designa uma especificidade não só de produção, mas de linguagem e formato. Já o esporte é “qualificado” pela mídia, não pelo jornalismo; é ao esporte “midiatizado” que se atribuem especificidades. Talvez porque seja o segmento que melhor se adapta a três fatores de convergência que impulsionam a indústria na sociedade de consumo: informação, publicidade e entretenimento.

No campo esportivo, as coberturas jornalísticas circunscrevem-se aos eventos programados como espetáculo, com hora marcada e intervalos regulares para atender aos ditames comerciais. Dos eventos nascem as informações sobre sua preparação e decorrem as repercussões sobre os acontecimentos que os caracterizaram. Como esses eventos, na sua quase totalidade, são recorrentes, o jornalismo esportivo move-se em círculos: primeiro “chama” o público (sentido publicitário); depois “narra” – com todo

o requinte de produção e uma forma própria de olhar – os acontecimentos para esse público, que o acompanha simultaneamente ao evento (entretenimento); e, por fim, repercute os acontecimentos com suas avaliações sobre os resultados (informação em sentido estrito). Evidentemente, o contexto não é assim tão linear. Há pontos de fuga nesse processo. Mas as rotinas que condicionam a produção estão voltadas para a eficiência do espetáculo, seja o evento em si ou o discurso sobre ele. Portanto, romper o círculo exige negar as rotinas e sair das esferas de produção sistematizadas pela mídia.

Jornalismo e esporte sempre protagonizaram inovações, sobretudo tecnológicas, disseminadas posteriormente aos outros segmentos reconhecidos e “empacotados” pela mídia. Expressões macro dessa simbiose são a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos. A cada nova edição, recursos inéditos transformam as competições esportivas em eventos sobre os quais pouco se tem a dizer, propõem uma homogeneização quanto aos critérios de qualificação do espetáculo – só vale a pena ver os “melhores”, quantificados pelo desempenho – e reforçam o viés tecnocrático de produção discursiva sobre temáticas que exigem cada vez menos profundidade de análise e contextualização.

Os Jogos Abertos de Santa Catarina notabilizaram-se ao longo de quase cinco décadas como “vitrine” dos projetos de desenvolvimento nas áreas de educação – esporte aqui incluído – e lazer. Os recursos investidos no evento tinham como sustentação a possibilidade de “retorno social” com a infra-estrutura deixada nos municípios-sede. As mudanças de foco político e de prioridade quanto aos investimentos estatais “enfraqueceram” os JASC e dissiparam o interesse da mídia pela cobertura jornalística, também movido pelo nível de recursos nela aplicados.

Há aí um movimento a ser considerado: as “salas de imprensa” não mais se restringem a levantar estatísticas e organizar dados; com a profissionalização das assessorias de comunicação, jornalistas contratados também produzem materiais tecnicamente adequados aos critérios da mídia quanto a produção e veiculação das informações. O produto midiático de divulgação já nasce pronto, dentro do próprio evento, justamente para

“amenizar” as dificuldades de deslocamento dos meios de comunicação. Não há como levar a todos aos locais de competição; mas há como levar o evento a todos, sejam os interessados em produzi-lo ou consumi-lo. A cobertura jornalística dos JASC, por assim dizer, “micro-regionalizou-se” ao longo dos últimos anos e deslocou o prestígio do evento para um espaço mais afetivo de produção. Os jogos perderam em importância, midiaticamente falando, mas não em significado; há uma tradição que une os atores, sejam desportistas, agentes da mídia ou expectadores.

É nesse campo que os pesquisadores do observatório mergulham. E o fazem para tentar compreender os mecanismos que, muitas vezes, interferem nas condições de produção jornalística. É desse campo que emergem as considerações a seguir. E os resultados, cercados por uma metodologia arrojada e por olhares diversificados, mostram que também a ciência, ao “apurar” a complexidade dos fenômenos, precisa abrir o discurso para o diálogo e não para as “verdades” legitimadas ou por vir. Encerrando, até aqui são as “verdades” de um jornalista que conduzem o texto. A partir de agora é o diálogo com a curiosidade epistemológica – usando uma expressão de Paulo Freire – que o leitor atento vai empreender. Findam as preliminares: os “jogos” começam nas páginas seguintes; para além do espetáculo tecnocrático que a mídia produz.

Luciano Bitencourt

Florianópolis, agosto de 2008

*Luciano Gonçalves Bitencourt é
jornalista formado pela UFSC.*

*Atuou como repórter, editor e apresentador
de esportes na RBS TV/Santa Catarina e no
jornal O Estado. Atualmente, é professor e
coordenador do Curso de Jornalismo da UNISUL.*

A presente publicação é uma versão adaptada do relatório da pesquisa *“Observatório da mídia esportiva: acompanhamento e análise da cobertura jornalística do esporte e do lazer na mídia catarinense”*, desenvolvida entre 2007 e 2008 pelos pesquisadores do Grupo de Estudos Observatório da Mídia Esportiva/UFSC, com apoio financeiro da Rede CEDES, da Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e Lazer do Ministério do Esporte, obtido por seleção em chamada pública/edital daquela Secretaria. A pesquisa teve como foco a cobertura jornalística da etapa final da 47ª edição dos Jogos Abertos de Santa Catarina (Jaraguá do Sul, novembro de 2007) realizada por parte de veículos de mídia do Estado.

Mídia e esporte são duas instituições sociais que, dia a dia, ganham mais destaque e importância na dinâmica cultural da sociedade contemporânea. Obviamente, a excessiva visibilidade e onipresença de ambas desperta tanto amores quanto rancores. Tomados como aparatos ideológicos e instrumentos a serviço do capital, esporte e mídia são criticados por alguns setores mais à esquerda (perdão pelo anacronismo da expressão!), sem que, no entanto, alternativas concretas e viáveis sejam implementadas. Por outro lado, discursos mais conservadores (ou oportunistas?) atribuem a ambos – esporte e mídia – poderes quase milagrosos, capazes de

resolver questões que mazelas sociais, como saúde, educação, emprego, etc. As medidas para que isso aconteça, é claro, também não passam de meras promessas de palanque (lembrando que a própria mídia é também chamada de palanque eletrônico).

Independente de quem tem ou não razão (se é que há certo e errado neste caso), pensamos que posições extremadas e deterministas só servem para mitificar os fenômenos sociais, esporte e mídia entre eles, generalizando o particular e negando a necessária dialética. Portanto, nosso olhar interessado para as relações que se estabelecem entre ambos é de curiosidade e responsabilidade acadêmicas, mas também social, certos de que a apropriação crítica e esclarecida e a fruição seletiva daquilo que estes dois campos culturais podem oportunizar é parte da construção de uma cidadania emancipada e, portanto, um objetivo a ser perseguido pela Educação Física.

Neste sentido, muitos estudos têm sido empreendidos por pesquisadores da área, a maioria deles interessados em descrever e interpretar o discurso midiático, isto é, a narrativa discursiva construída por sons, palavras e imagens pelos veículos da mídia, a respeito, no caso, das temáticas clássicas da Educação Física, o esporte à frente. E os “achados” nestas pesquisas tem sido impiedosos, criticando a mídia pelo que diz (e faz) e pelo que não diz (e não faz) sobre esporte. Poucos são os estudos, todavia, que procuram compreender as condições em que a mídia, isto é, os seus agentes (produtores, repórteres, editores), dizem (e fazem) o que dizem (e fazem) e o que deixam de dizer (e de fazer). A tais estudos, Mauro Wolf denomina de *news making*, ou pesquisa sobre os modos de produção da informação veiculada, numa livre tradução.

A abordagem de investigação aqui relatada visava à compreensão desse processo nessa perspectiva mais complexa, objetivando analisar o produto midiático (isto é, as informações jornalísticas veiculadas nos meios) e as formas de sua produção, acompanhando e observando o cotidiano dos jornalistas encarregados de cobrir o evento esportivo escolhido por nós.

A composição deste livro compreende, assim, dois momentos importantes de investigação de campo: para a análise do *produto* da mídia esportiva, foram clipadas e discutidas matérias jornalísticas veiculadas em quatro órgãos de comunicação de massa - dois jornais impressos e duas emissoras de televisão; também quatro é o número de jornalistas entrevistados, todos

produtores de informação, que estiveram diretamente envolvidos com a cobertura das finais do JASC/2007.

Capítulos introdutórios ilustram histórica e socialmente o campo de investigação, apresentando uma breve narrativa a respeito da mídia e da mídia esportiva em Santa Catarina, bem como da organização do sistema esportivo do Estado, tendo como o JASC como topo da pirâmide.

Relato baseado em anotações pessoais, a partir de um olhar antropológico de alguns dos pesquisadores presentes no campo, compõe um capítulo-ponte, que faz a transição entre os aspectos mais gerais e de contexto (o jornalismo esportivo e o esporte em Santa Catarina) e as questões mais específicas (produto e produção jornalística no JASC/2007) da pesquisa.

Os anexos trazem planilhas de registro e classificação do material jornalístico analisado, além de algumas fotos do campo de pesquisa.

Algumas palavras sobre a produção e a autoria dos capítulos deste livro. No total, quinze pesquisadores ligados ao Observatório da Mídia Esportiva envolveram-se, de diferentes maneiras e em diversos momentos, no estudo. Professores (mestres e doutores), pós-graduandos e acadêmicos, todos com formação (ou em formação) em Educação Física, revezaram-se nas tarefas de conceber, implementar, relatar e refletir sobre a investigação coletiva. Diante disso, entendemos que a melhor forma de apresentar as várias partes que compõem a obra seria em capítulos interdependentes, embora correndo riscos como sobreposição de temas e/ou bibliografias referidas nos diversos capítulos. Ainda assim, optamos por estabelecer a autoria de cada capítulo, identificando os pesquisadores mais diretamente responsáveis por ele, bem como dispor as referências bibliográficas do capítulo ao final do mesmo.

Por fim, restam palavras de agradecimentos a instituições e pessoas cuja contribuição foi decisiva para a realização da pesquisa. Sendo impossível nominá-los, queremos expressar nossa gratidão aos órgãos e profissionais de imprensa, que tão bem nos acolheram; aos responsáveis pela organização do esporte em Santa Catarina e do JASC/2007, também pela acolhida e a liberdade concedida para a realização do trabalho; aos jornalistas que são decanos do jornalismo esportivo no Estado, que com seus depoimentos nos mostraram como foram produzindo, ao longo dos anos, o “caminho das pedras”; à Rede CEDES da Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e Lazer/Ministério do Esporte, pela ajuda financeira e

o incentivo à pesquisa sob demanda; a UFSC, pelo apoio institucional que permite dispormos, no seu Centro de Desportos, do Laboratório de Mídia (LaboMídia), que abriga o nosso Grupo de Estudos Observatório da Mídia Esportiva.

Indicar a quem se destina uma publicação é um ato de descabida pretensão, como se além de escolhermos sobre o quê escrever ainda nos permitíssemos escolher nossos leitores. No entanto, mesmo correndo tal risco, ousamos afirmar que este livro pode ser interessante a pesquisadores dos dois campos de estudo que aqui são associados pelo esporte, a Educação Física e o Jornalismo. Pensamos também que agentes públicos envolvidos em políticas sociais de esporte e lazer podem encontrar na obra apontamentos para (re)pensar suas ações, especialmente quanto ao trato profissional e institucional com o campo midiático-esportivo.

Florianópolis, Ilha da Magia, julho/agosto de 2008.

O Organizador